



DA RODA A REDE: ensino e aprendizagem do choro mediado por tecnologias digitais

Comunicação

Fabiano dos Santos Rodrigues
IFPA-Campus Marabá Industrial
rodriguesaps@yahoo.com.br

Resumo: Este artigo tem a intenção de discutir atividades educativas musicais inerentes ao universo musical do choro que tenham relações ou sejam mediadas por TDIC's (Tecnologias Digitais da Informação e da Comunicação). Historicamente os processos de ensino e aprendizado do choro se deram principalmente pela tradição oral. Nas últimas décadas surgiram algumas experiências escolarizadas do choro nas cidades de Brasília e do Rio de Janeiro, estas até então têm se consolidado como referências educacionais desse gênero musical tipicamente brasileiro. Paralelamente a esse contexto mais local, globalmente o desenvolvimento das TIC's tem promovido profundas transformações em todos os sentidos e espaços da vida humana, isso tem atingido inclusive a educação, a música e a arte como um todo. Nesse contexto os processos educacionais do choro também têm se transformado e novas possibilidades educativas musicais tem surgido em razão de processos de aprimoramento de TDIC's. Inclusive recentemente nos períodos mais críticos da pandemia do coronavírus isso se mostrou uma alternativa significativamente viável e possível.

Palavras-chave: Educação Musical. Choro. TDIC.

1. INTRODUÇÃO

Parte da minha formação musical fora possibilitada em razão do uso de recursos tecnológicos, considero que esta experiência educativa musical individual não seja universal e universalizante ao ponto de dizer que é uma regra definida e que se todos e todas que fizerem como eu fiz vai dá certo, até porque considero a minha experiência de aprendizado musical ainda muito limitada e que cada pessoa tem a sua individualidade motora, psíquica, social e econômica. Porém, ela tem me instigado curiosidades em querer analisar isso de maneira bem mais ampla e diversa porquê do pouco que eu aprendi sobre música, o uso das TDIC's (Tecnologias Digitais da Comunicação e Informação) foi fundamental. Pois, o lugar onde vivo é bastante carente e até mesmo desprovido de estruturas e ambientes de



práticas, de ensino e aprendizagem musical especialmente do choro, também é um lugar geograficamente bem distante de grandes centros urbanos e culturais do país.

Além da formação musical mais livre e informal este autor também realizou seus estudos de licenciatura em música e de especialização em educação musical através da modalidade à distância, que como se sabe faz de maneira ampla o uso de TDIC's para os processos de ensino e aprendizagem. Foi uma experiência bastante agradável e que certamente enriqueceu e me fez adentrar no universo dos estudos da música e da educação musical de uma maneira muito significativa.

Da empolgação e da satisfação dessas experiências educativas musicais resultaram alguns trabalhos artísticos interessantes. Formei com outros colegas um grupo de choro na cidade onde moramos e em 2021 chegamos até a gravar um EP (Extend Play), durante esses anos de atividades do grupo, já nos apresentamos e realizamos eventos em escolas, universidades, eventos culturais locais, dentre outros. Em razão desse trabalho algumas tarefas sempre ficaram sob a minha responsabilidade, além de violonista do grupo me foi dado ao longo do tempo a missão de fazer pesquisas sobre músicos, composições e histórias do universo do choro. Por ser uma cidade em que somos talvez o único grupo do choro com atividades mais frequentes, sempre tivemos a necessidade de levar para o público informações a fim de demonstrar que aquilo que fazemos musicalmente tem uma história, uma tradição e até mesmo alguns conceitos. Afinal, formar um público era e é também uma necessidade nossa.

Dessa necessidade surgida com a formação, o envolvimento e atuação do grupo de choro é que vieram alguns momentos de estudo de pesquisas históricas, musicais, antropológicas e sociológicas do universo do choro. Isso a todo momento me gera cada vez mais curiosidades, questões e conhecimentos. O uso de TDIC's foi uma alternativa que encontrei para adentrar esse rico universo artístico, estético e musical do choro, por meio delas consegui acessar materiais didáticos em diversas linguagens e formatos, fazer aulas e cursos de maneira individualizada e informal com professores especializados, estabelecer contatos e interagir em redes sociais, participar e promover eventos acadêmicos e musicais. No âmbito mais geral acredito que isso também foi uma alternativa para muitas outras pessoas com condições geográficas bastante adversas de acesso ao que podemos dizer de



bens culturais do universo do choro. Uma evidência disso é o considerável número de acessos a páginas e canais da internet em que se pode adquirir materiais, cursos e a participar de eventos vinculados ao universo do choro.

Se para mim isso foi sempre uma alternativa e até mesmo condição educativa musical, a partir do ano de 2020 com o advento da pandemia do coronavírus e em razão das medidas sanitárias inerentes a esta, isso passou a ser compulsório para todos independente de qualquer coisa ou razão. Inclusive as renomadas e prestigiadas Escola Brasileira de Choro Raphael Rabello (LIMA, 2020) e a Escola Portátil de Música (NITAHARA, 2020) que trabalham fundamentalmente com a linguagem musical do choro e até então ofertavam atividades apenas de maneira presencial, passaram a desenvolver, aprimorar e ofertar atividades mediadas por TDIC's em decorrência da pandemia. Mesmo mais recentemente, já com a amenização da situação sanitária e a volta das atividades presenciais, é possível estudar nessas instituições na modalidade à distância. Ou seja, ao que parece o ensino e aprendizado do choro mediado por TDIC's, mesmo que impulsionado por necessidades extremas, tem se consolidado no contexto contemporâneo como uma possibilidade a mais de ensino e aprendizado deste gênero musical genuinamente brasileiro.

Neste contexto temos encontrado pesquisas que de uma maneira ou de outra relacionam e analisam educação musical, TDIC's, meios digitais, cultura digital, dentre outros. Entretanto, mesmo pesquisando em anais de eventos, nas revistas da ABEM (Associação Brasileira de Educação Musical) e da ANPPOM (Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música) e utilizando mecanismos de buscas na internet, particularmente nunca vi algum trabalho que trate, reflita, descreva ou analise de maneira mais específica relações entre processos de ensino e aprendizagem do choro mediado por TDIC's ou no contexto da cultura digital, da sociedade em rede, etc.

Mesmo que possam existir trabalhos que abordem essas temáticas nunca é demais outras pesquisas que o abordem nas suas mais diversas perspectivas e possibilidades o gênero musical do choro, em especial de suas práticas educativas musicais. Pois, se trata de um gênero musical tão importante e um verdadeiro patrimônio da cultura brasileira como um todo. Outro fator também importante é que em razão da pandemia da covid-19 os meios digitais ou TDIC's foram nos últimos anos condição *sine qua non* para processos educativos



não apenas musicais, mas em todos os campos de conhecimento. Diante disso não nos resta dúvidas de que o desenvolvimento presente artigo se faz necessário e urgente.

Diante disto acreditamos que a questão que motiva este trabalho de pesquisa é a seguinte: “considerando cenários e perspectivas da sociedade contemporânea é possível aprender e ensinar choro à distância, em especial por meio do uso de TDIC’s?”. De maneira preliminar podemos indicar, conforme até anteriormente explanado, isso tem sido uma possibilidade de maneira menos sistemática e menos formalizada já a algum tempo e nos tempos mais recentes tem sido uma obrigatoriedade a todos em razão de fatos que extrapolam o controle do universo do choro, da educação musical, da arte, da ciência, da sociedade, dentre outros. Sendo assim o objetivo do presente trabalho é discorrer sobre possibilidades de processos de ensino e aprendizagem do choro mediado por TDIC’s.

2. METODOLOGIA

A fim de alcançar os objetivos elencados para a pesquisa que aqui se desenvolveu, entendemos que a abordagem metodológica qualitativa nos termos de Severino (2009) é a que mais se adequou num âmbito mais geral e de maneira mais específica mobilizamos a pesquisa bibliográfica e documental. Severino (2009) coloca que a pesquisa bibliográfica trabalha fundamentalmente a partir de documentos impressos como livros, artigos, teses dissertações e a pesquisa documental amplia essa as possibilidades da pesquisa bibliográfica à medida em que referenciam pesquisas com documentos em outros formatos como textos digitais, vídeos, áudios e imagens. Nestes termos não nos resta dúvidas que fora a metodologia mais adequada e predominantemente utilizadas neste artigo.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

O choro é considerado umas das primeiras manifestações musicais tipicamente urbanas do Brasil, este gênero musical surgiu em meados do século XIX na cidade do Rio de Janeiro (CAZES, 2010). Mais de um século e meio depois, o choro continua agradando e



influenciado gerações de músicos por diversas partes do Brasil e do mundo. É difícil pensar e entender a cultura musical brasileira sem os elementos musicais do choro (ALVES, 2009). Composições desse universo fazem parte do imaginário musical e afetivo de muitos de nós como: brasileiro, carinhoso, tico-tico no fubá e muitas outras (CAZES, 2010). Os acervos musicais e históricos do choro são de uma riqueza grandiosa, bastante densa e diversificada (ALVES, 2009). Afinal para ser algo que tem sobrevivido e se renovado ao longo do tempo, mesmo que com muitas dificuldades enfrentadas, precisa ter agregado a si muitos bons elementos musicais, artísticos e históricos (CAZES, 2010).

Muito embora o choro sendo um gênero musical secular, o recorte temporal ao qual interessa a esta proposta de pesquisa começa a se manifestar por volta da década de 1970, nos termos de Vasconcelos (1984) *apud* Alves (2009) seria no contexto da sexta geração do choro. Os acontecimentos inerentes a denominada “sexta geração do choro” foram precedidos por uma marcante e profunda perda de espaço desse gênero musical nos meios de comunicação de massa, em especial nas emissoras de rádio. Pois, desde meados da década de 1950 vinha perdendo cada vez mais espaços para a bossa nova, para a música internacional, etc. Daí somente a partir da década de 1970 é que movimentos de novos artistas e também já consagrados vão dar novamente uma animada, até mesmo uma modernizada neste gênero musical (CAZES, 2010).

Num plano muito mais abrangente e global, também por volta da década de 1970, passa-se a difundir de maneira mais efetiva em todo o mundo novas tecnologias em razão de avanços significativos na microeletrônica, na informática e nas telecomunicações, esses avanços foram determinantes para o surgimento daquilo que Castells (2002) denomina de “sociedade em rede”. Esse processo vem desde então revolucionando profundamente noções de tempo, espaço e possibilitando novas formas de interação social (CASTELLS, 2002). Neste contexto as TDIC’s (Tecnologias da Informação e Comunicação) tem sido importantes meios de concretização e consolidação dessa revolução. Castells (2002) reitera de que a muito tempo antes as tecnologias já vinham fazendo revoluções, em especial nas sociedades modernas e ocidentais, porém um dos grandes diferenciais das transformações da “sociedade em rede” foram pela rápida expansão e massificação de uso das TDIC’s e pela capacidade frequente de inovação e aprimoramento contínuo dessas tecnologias.



Barros (2016, p. 29) esclarece de maneira mais detalhada e conceitual o que são TDIC's e aponta algumas das suas potencialidades e possibilidades técnicas. Desta forma este autor entende:

[...]a terminologia TDIC como os procedimentos, métodos e equipamentos e meios eletrônicos e digitais que armazenam, processam e distribuem informações por meios eletrônicos e digitais, que surgiram no contexto da Revolução Informática, desenvolvidos gradualmente desde a segunda metade da década de 1970 e, principalmente, nos anos 90 do século XX. Estas tecnologias agilizaram e tornaram menos palpável o conteúdo da comunicação, por meio da digitalização e da comunicação em redes para a captação, transmissão e distribuição das informações, que podem assumir a forma de texto, imagem estática, vídeo ou som (BARROS, 2016, p. 29).

Em meio a toda essa revolução talvez seja difícil encontrar alguma esfera ou território de sociabilidade, interação e produção humana em que não fora de alguma maneira atingido por essas transformações tecnológicas de fins do século XX e início do século XXI. É notório como isso de maneira geral transformou a nossa vida, as nossas maneiras de se comunicar, relacionar, interagir, e de forma mais específica até mesmo o fazer, o ensinar e o apreciar música (CERNEV, 2018).

Em se tratando de educação e em especial educação musical, Fonterrada (2008) já trazia desde a década de 1990 algumas reflexões, considerações e apontamentos sobre mudanças que vinham ocorrendo nos últimos tempos na sociedade, especialmente em decorrências do intensivo e exponencial desenvolvimento de tecnologias. Demonstrando assim algumas rupturas, preocupações, apreensões, expectativas e possibilidades que tudo isso já causava em processos educativos e na arte. Inclusive mencionando algumas operações com o objetivo de produzir e difundir conhecimentos que eram e são operacionalizados em “rede”, haja vista as possibilidades tecnológicas até então já disponíveis.

Fonterrada (2008) ainda coloca de que desde os primeiros escritos sobre educação oriundos e disponíveis do contexto europeu do século XVIII, as teorias, as visões de mundo, as concepções e métodos educativos sempre se fundamentaram e se legitimaram, por convicção, ou mesmo por imposições em concepções hegemônicas lineares, mecanicistas, fundamentadas principalmente por princípios cartesianos e depois também por princípios do positivismo. No contexto da música as primeiras rupturas a esse modelo linear,



mecanicista e hegemônico de se construir conhecimentos e consequente compreender o mundo começam a se manifestar no começo do século XX quando da necessidade “de superação do sistema tonal e do tempo linear impele os compositores a explorar outras rotas, em busca de novos sons” (FONTERRADA, 2008, p. 338), décadas mais tarde vem a aparecer também os recursos tecnológicos que possibilitou amplamente a viabilidade de novos instrumentos. Quanto a educação musical Fonterrada (2008) coloca que ocorreram algumas mudanças e rupturas importantes no período inicial do século XX em relação às perspectivas mecanicistas e lineares de educação musical, porém essas rupturas e transformações foram ainda limitadas e reduzidas. Estas passam a se manifestar e se firmar com mais força apenas nas décadas de 1960 e 1970.

Em grande medida as rupturas com as concepções lineares, mecanicistas, positivistas e hegemônicas de educação musical são profundamente abaladas, sendo que estas em linhas gerais não foram extintas ou desapareceram, mas que deixaram de ser “a” concepção que tinha todo um prestígio arraigado na tradição moderna ocidental de cunho cartesiano e positivista e passaram a ser apenas mais “uma” das tantas outras concepções de educação musical. Nesse universo conectado, informacional, tecnológico, operacional e societal das redes talvez uma das regras mais fundamentais sejam a existência e convivência em todos os sentidos de múltiplas possibilidades de visões de mundo, de concepções educacionais e evidentemente de concepções de educação musical (FONTERRADA, 2008). Isso se reflete de maneira bem nítida na própria concepção e em desejos de educação musical da própria Fonterrada (2008), concepção essa que não se limita apenas educar musicalmente pessoas para finalidades lúdicas, funcionais, técnicas e instrumentais, mas que concebe a educação musical como um espaço e uma possibilidade de transformação humana por meio da arte (FONTERRADA, 2008).

No contexto mais específico dos processos educativos do universo do choro foi apenas em meados da década de 1990 e começo da década de 2000 que grandes transformações vieram a ocorrer na forma de ensinar e aprender esse gênero musical genuinamente brasileiro. Tais fatos se deram em razão da fundação das primeiras escolas predominantemente dedicadas ao ensino sistemático do choro. Essas escolas são a Escola Brasileira de Choro Raphael Rabello fundada em 1998 em Brasília e a Escola Portátil de



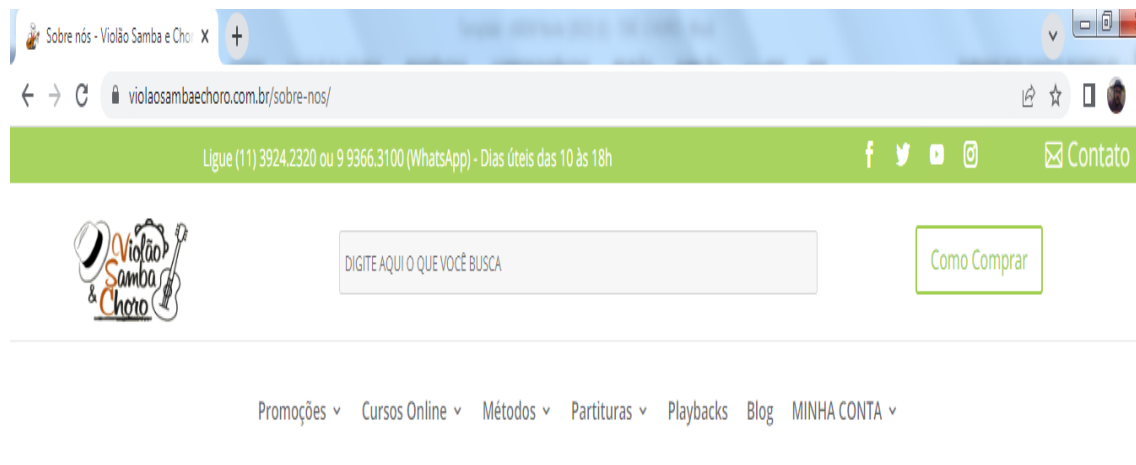
Música fundada no ano de 2000 na cidade do Rio de Janeiro (GONÇALVES, 2013). Para as suas constituições e estruturações as ações de artistas e educadores oriundos lá dos movimentos da sexta geração do choro de meados dos anos 1970 e 1980 foram fundamentais, inclusive muitos destes se tornaram e são até os dias de hoje professores e diretores destas escolas (ALVES, 2010).

Alves (2009) e Gonçalves (2013) analisam que durante muito tempo a principal forma de ensinar e aprender choro era por meio da tradição oral, como “aprender de ouvido” ou “observando músicos mais experientes tocar”, ou seja, o ensino e o aprendizado do choro se davam quase que único e exclusivamente em ambientes informais. Com o surgimento das escolas de choro surgiram outras possibilidades de ensino e aprendizado do gênero, pois estas têm se constituído como experiências educativas formalizadas, sistemáticas e institucionalizadas. Conseqüentemente isso tem dinamizado e diversificado o ensino e o aprendizado do choro. Mesmo os processos educativos musicais do universo do choro sendo eles de viés mais oral ou mesmo de metodologias e abordagens mais escolarizadas, estes predominantemente ocorrem por meio de interações presenciais. Porém, já a algum tempo tem existido projetos e iniciativas que de uma maneira ou de outra objetivam ensinar o choro de maneira remota. Essas iniciativas são bastante diversificadas como a comercialização e disponibilização de conteúdos em diversos formatos como partituras, cifras, áudios, vídeo aulas, acesso a plataformas de ensino e até mesmo a realização de aulas à distância e em tempo real com professores especializados em choro.

Na figura a seguir veremos parte da interface da Página Violão Samba e Choro que desde o ano 1999 comercializa partituras, tablaturas, vídeo aulas, livros digitais e aulas particulares de violão aplicadas ao ensino e aprendizado do samba e ao choro. Essa página é administrada pelo músico e professor Marco Bertaglia:



Figura 01: Página eletrônica Violão, Samba e Choro



Violão Samba e Choro...

É fruto da nossa grande paixão pela música, especialmente pelo Violão - 6 e 7 cordas. Já lecionei por mais de 20 anos em escolas, na Universidade Livre de Música (ULM), em empresas, em eventos e também dei aulas particulares por muito tempo. Também, venho tocando profissionalmente há mais de 20 anos em grupos musicais, em apresentações solo e acompanhando muitos artistas de renome.

Fonte: Violão, Samba e Choro (2022)

Conforme Barros (2016) tais fatos não se resumem apenas ao universo educativo musical do choro, mas a educação musical como um todo. Ratificando assim que a educação musical mediada por TDIC's tem se demonstrado como uma possibilidade muito abrangente e cada vez mais frequente em nossas vidas. Cernev (2018, p. 24) também credita as TIC's um importante papel na educação musical contemporânea, inclusive nutre expectativas a respeito das possibilidades de desenvolver uma educação musical crítica e participativa:

Acima de qualquer inovação tecnológica, tenho pensado em como seu uso pode contribuir com as aulas de música, buscando não considerar apenas os benefícios do uso da tecnologia em si, mas suas potencialidades no desenvolvimento de uma aprendizagem musical crítica e participativa" (CERNEV, 2018, p. 24).

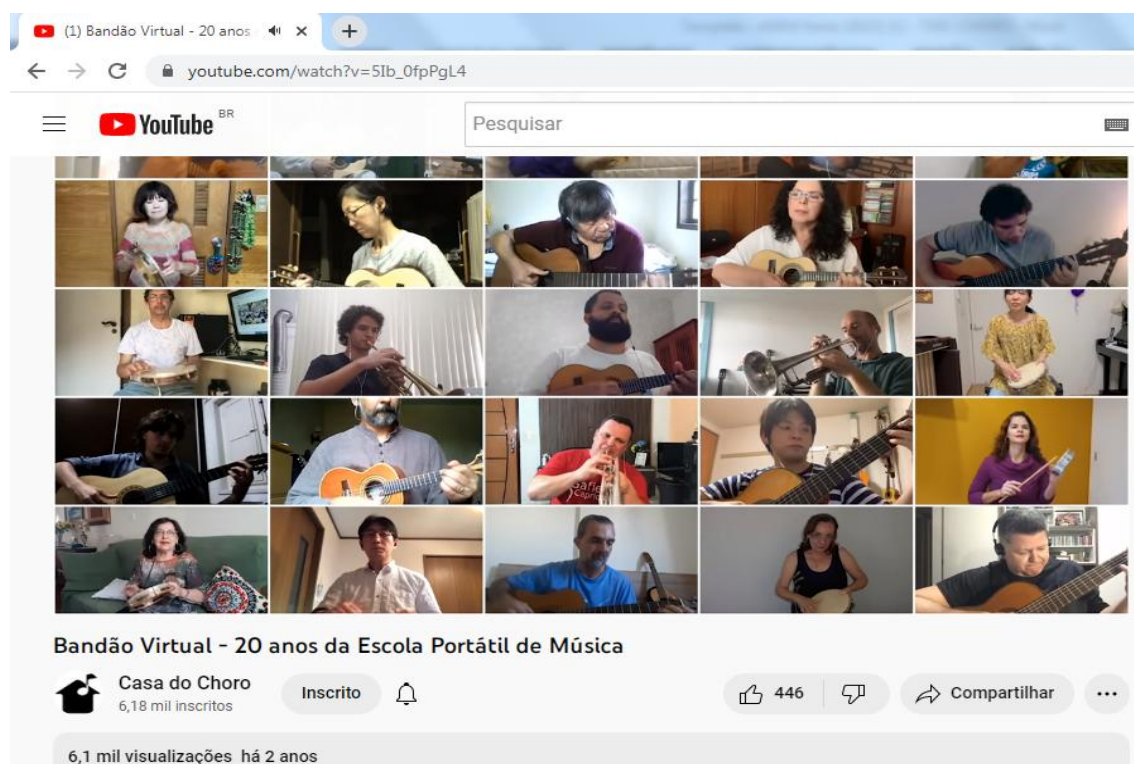
Muito recentemente com o advento da pandemia do coronavírus em 2020 o uso de TIC's para processos educativos em geral e claro educativos musicais ganharam uma atenção



relevante tendo em vista das necessidades de isolamento social e com isso “o ensino de música sofreu consequências por conta do distanciamento, a qual professores não poderiam ensinar de forma presencial, somente online (FREITAS JUNIOR; COSTA, 2021, p.3).

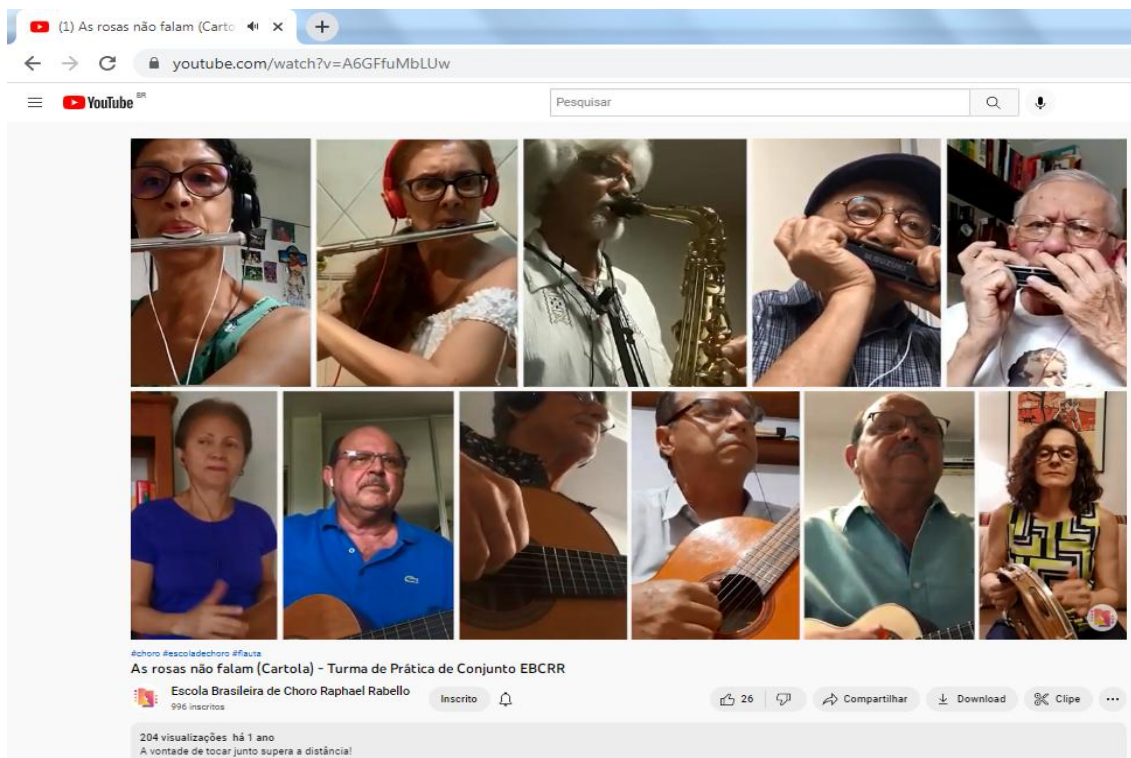
Essa situação pandêmica de dimensões globais evidentemente teve repercussões também locais e para o contexto deste projeto de pesquisa é importante mencionar que escolas de choro de Brasília e do Rio de Janeiro também passaram a oferecer cursos à distância, *on line* ou como quer que seja e passaram a realizar atividades como as rodas de choro, apresentações, aulas, ensaios de maneira remota (LIMA, 2020); (NITAHARA, 2020) e mesmo mais recentemente com a amenização das consequências da pandemia e a volta das atividades presenciais essas escolas não deixaram de oferecer aos interessados atividades de formação na modalidade remota. Nas imagens a seguir registram momentos de vídeos na Plataforma Youtube onde a Escola Portátil de Música e a Escola Brasileira de Choro Raphael Rabello publicaram resultados de atividades de práticas de conjunto no período da pandemia da covid-19 de maneira on-line.

Figura 02: Atividades do Bandão Virtual da Escola Portátil de Música em 03 de outubro de 2020



Fonte: Casa do Choro (2022)

Figura 03: Atividades de prática de conjunto da Escola Brasileira de Choro Raphael Rabello em 28 de dezembro de 2020



Fonte: Escola Brasileira de Choro Raphael Rabello (2022)

Isso evidencia de alguma maneira que o choro também pode ser ensinado e aprendido por meios digitais, haja vista a capacidade e competência dessas instituições no ensino e no aprendizado do choro, também que mesmo antes da pandemia já existiam no universo virtual outros projetos e iniciativas de ensino e aprendizado desse gênero musical genuinamente brasileiro.

Então o que podemos constatar é de que as TDIC's tem estado a cada dia mais presentes nas nossas vidas e isso tem trazido grandes transformações na sociedade contemporânea, inclusive para o campo da educação musical. No que concerne a processo de ensino e aprendizado do choro percebemos que pouco mais de duas décadas não existiam experiências escolarizadas de ensino e aprendizado desse gênero musical tipicamente brasileiro. Daí nas últimas décadas surgiram duas escolas uma sediada em Brasília e outra no Rio de Janeiro, essas experiências inclusive tem sido referência para



outras experiências escolarizadas de choro como a Orquestra de Choro do Pará sediada em Belém capital do Estado do Pará (KAWAGE, 2018) e também a Escola de Choro de São Paulo que fora fundada recentemente no ano de 2019 na cidade de São Paulo, além de duas experiências da Escola Portátil de Música que tem filiais uma em Florianópolis e outra no continente europeu em especial na Holanda.

Nas últimas décadas já em razão das transformações da sociedade em rede tem surgido uma série de experiências de ensino de choro na internet por meio de plataformas, sites, etc. Inclusive este autor fizera um uso significativo desses recursos em sua experiência individual para processos de aprendizagem do choro. A partir de 2020 com a pandemia do coronavírus e em razão das medidas sanitárias da pandemia esse tipo desses recursos de TDIC's se tornou o meio mais importante de ensino em aprendizado não apenas na música, mas em todas as áreas do conhecimento.

Em específico do choro até mesmo as renomadas Escola Brasileira de Choro Raphael Rabello de Brasília e a Escola Portátil de Música do Rio de Janeiro que até então não ofertavam predominantemente atividades de ensino e aprendizado remotas, passaram a aderir tal modalidade, inclusive tem mantido nos períodos letivos mais recentes onde em razão dos processos de imunização vacinal os efeitos letais e epidemiológicos do coronavírus tem diminuído. Então a partir desses elementos e evidências, claro que também referenciado nas decisões de duas importantes instituições de ensino de choro não apenas do Brasil, mais do mundo, podemos dizer que o ensino e o aprendizado do choro por meio de TDIC's é sim possível como também já é uma realidade.



Referências

ALVES, Carolina Gonçalves. O choro que se aprende no colégio: a formação de chorões na Escola Portátil de Música do Rio de Janeiro. 120 f. Dissertação de Mestrado (Ciências Sociais) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <https://www.bdtd.uerj.br:8443/handle/1/8451>. Acesso em: 03 de março de 2022.

AS ROSAS NÃO FALAM (CARTOLA) - TURMA DE PRÁTICA DE CONJUNTO EBCRR. Escola Brasileira de Choro Raphael Rabello. Vídeo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=A6GFfuMblUw>. Acesso em 18 de outubro de 2022.

BANDÃO VIRTUAL - 20 ANOS DA ESCOLA PORTÁTIL DE MÚSICA. Casa do Choro/Escola Portátil de Música. Vídeo. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=5lb_0fpPgL4. Acesso em 18 de outubro de 2022.

BARROS, Matheus Henrique da Fonsêca. Saberes docentes e tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC) no Curso de Licenciatura em Música da UFPE. 140 f. Dissertação de Mestrado (Educação) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/19466>. Acesso em: 03 de março de 2022.

CASTELLS, Manuel. A sociedade em rede. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

CAZES, Henrique. Choro: do quintal ao municipal. São Paulo: Editora 34, 2010.

CERNEV, Francine Kemmer. Aprendizagem musical colaborativa mediada pelas tecnologias digitais: uma perspectiva metodológica para o ensino de música. Revista da ABEM v. 26, n. 40, jan./jun. 2018. Disponível em: <http://www.abemeducacaomusical.com.br/revistas/revistaabem/index.php/revistaabem/article/view/718/506>. Acesso em: 03 de março de 2022.

COSTA E COSTA, Lucian José de Souza; FREITAS JÚNIOR, Áureo Déo de. Impactos da pandemia na formação continuada de professores de Artes/Música. In: Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música, 31., 2021. João Pessoa. Anais João Pessoa. Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música, 2021.

DINIZ, André. Almanaque do Choro: a história do chorinho, o que ouvir, o que ler, onde curtir. 3a edição. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

FONTEERRADA, Marisa Trench de Oliveira. De tramas a fio: um estudo sobre música e educação. São Paulo: Editora Unesp, 2008.

GOHN, Daniel M. A Internet em desenvolvimento: vivências digitais e interações síncronas no ensino a distância de instrumentos musicais. Revista da ABEM, v. 21, p. 25-34, 2013. Disponível em:



<http://www.abemeducaomusical.com.br/revistas/revistaabem/index.php/revistaabem/article/view/79>. Acesso em: 03 de março de 2022.

GOHN, Daniel M. Um breve olhar sobre a música nas comunidades virtuais. Revista da ABEM. v. 19, p. 113-119, 2008. Disponível em:

<http://www.abemeducaomusical.com.br/revistas/revistaabem/index.php/revistaabem/article/view/265>. Acesso em: 03 de março de 2022.

GONÇALVES, Augusto Charan Alves Barbosa. O ensino do choro no contexto da Escola Raphael Rabello de Brasília. 184 f. Dissertação de Mestrado (Educação Musical) – Universidade de Brasília, Brasília, 2013. Disponível em:

https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UNB_dfaf31a3e1d6ed8d6f3d978e0104692f. Acesso em: 03 de março de 2022.

KAHWAGE, José Jacinto Da Costa. O Projeto Choro Do Pará: prática e transmissão musical. 104 f. Dissertação de Mestrado (Artes) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2018. Disponível em: <http://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/10135>. Acesso em: 03 de março de 2022.

LIMA, Irlam Rocha. Escola Brasileira de Choro Raphael Rabello oferece mais de 25 cursos de música: as matrículas para as vagas de 2021 estão abertas desde a última segunda-feira (14/12). Correio Braziliense, Brasília 15 de dez. 2020. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/diversao-e-arte/2020/12/4894956-escola-brasileira-de-choro-raphael-rabello-esta-com-matriculas-abertas.html>. Acesso em: 03 de março de 2022.

NITAHARA, Akemi. Casa do Choro do Rio lança plataforma para shows e atividades online. Agência Brasil, Rio de Janeiro 03 de out. de 2020. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2020-10/casa-do-choro-do-rio-lanca-plataforma-para-shows-e-atividades-online>. Acesso em: 03 de março de 2022.

SEVERIVO, Antonio Joaquim. Metodologia do Trabalho Científico. São Paulo: Cortez, 2009.

QUEIROZ, Luís Ricardo Silva. Educação musical e cultura: singularidade e pluralidade cultural no ensino e aprendizagem da música. Revista da ABEM, v. 10, p. 99-107, mar. 2004. Disponível em:

<http://www.abemeducaomusical.com.br/revistas/revistaabem/index.php/revistaabem/article/view/367/296>. Acesso em: 03 de março de 2022.

TINHORÃO, J. R. Pequena história da música popular brasileira. Art Editora, 1991.

VASCONCELOS, A. Choro: um ritmo bem brasileiro. In: DE SOUZA, T. Brasil musical: viagem pelos sons e ritmos populares. Rio de Janeiro: Art Bureau, 1988.

VIOLÃO SAMBA E CHORO. Nossa História. Disponível em: <https://www.violaosambaechoro.com.br/> Acesso em: 13 de outubro de 2022.



abem

Associação Brasileira
de Educação Musical

